SUSTENTABILIDADE E IDENTIDADE INDÍGENAS: UM ROTEIRO PELA TRILHA DO CATU

Creusa Ribeiro da Silva Lelis, Francisco do Nascimento Lima

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE- IFRN CAMPUS CANGUARETAMA
creusa.lelis@ifrn.edu.br, francisco.lima@ifrn.edu.br

RESUMO:
Esse trabalho foi resultado de um Projeto de Extensão, desenvolvido por professores e alunos do IFRN – *Campus* Canguaretama, junto à Comunidade Indígena do Catu. O interesse em desenvolvermos este projeto foi despertado em função do caráter étnico-cultural agregado à beleza natural e atrativos originários da cultura local daquela Comunidade. Nesse sentido, esse projeto objetivou promover e fomentar o fortalecimento e a valorização de práticas culturais junto à Comunidade Indígena do Catu, buscando a afirmação, a manutenção e a preservação da diversidade étnico-cultural, transversalizadas por meio de atividades turísticas sustentáveis, através da revitalização da trilha existente na Comunidade. As atividades do projeto foram desenvolvidas através de rodas de conversas, palestras, questionários e caminhadas na trilha. A partir das ações realizadas, conseguimos estimular os moradores a continuar suas manifestações de identidade cultural, através da sua valorização enquanto atrativo principal.
Palavras-chave: Sustentabilidade, Identidade Indígena, Trilha, Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

Os primeiros registros acerca da Comunidade Indígena do Catu remetem a meados da primeira metade do século XIX, quando o Padre Góis doou terras ao longo do rio Catu para os três irmãos Eleotério. Os eleotérios-do-catu compõem uma comunidade com cerca de 600 a 800 membros, em sua maioria remanescentes indígenas. Esse grupo vive na região, entre os municípios de Canguaretama e Goianinha, às margens do rio Catu, no Rio Grande do Norte, e apenas no final do século XX passaram a buscar a legitimação e o reconhecimento de sua identidade indígena, a fim de proteger a cultura do seu povo (MORITZ, 2010).

Nesse sentido, na tentativa de contribuir para essa busca de legitimação por parte dos moradores do Catu, desenvolvemos este projeto, no período de maio a dezembro de 2014, cujas ações foram transversalizadas por meio de atividades turísticas sustentáveis, através da revitalização de uma trilha já existente na Comunidade. O foco do projeto esteve centrado nas

questões relacionadas à educação ambiental e à valorização da cultura pelo fortalecimento da identidade e herança cultural da Comunidade Indígena do Catu. Dessa forma, justificamos o desenvolvimento de atividades de cunho afirmativo, de manutenção, de conservação da diversidade e da identidade étnico-cultural.

Este projeto também se tornou relevante em função da sua forte questão social, haja vista que, esta Comunidade enfrenta uma luta para obter o reconhecimento de ser uma das únicas reminiscências indígenas do Rio Grande do Norte. Além disso, conseguimos a captação de recursos financeiros, junto ao IFRN - *Campus* Canguaretama, para compra do material usado na concretização da trilha, tais como: madeiras e placas de sinalização. Vale ressaltar que esta trilha na Comunidade Indígena do Catu é um atrativo turístico pouco conhecido, em virtude das dificuldades de roteirização, informação e manutenção.

A trilha possui um percurso de 10 km, formada por vegetação tipicamente litorânea, com remanescentes de mata atlântica, intrusões pontuais de vegetação de restinga, e em algumas áreas, de várzea. Por se tratar de uma área de transição entre o litoral e o agreste, há espécies de Caatinga, com algumas espécies de cactáceas, o que resulta num ecossistema rico e complexo. Segundo o IDEMA (2008), "A vegetação é formada pela floresta subperifólia, situada em áreas em que o solo se apresenta recoberto por uma camada de húmus, cujas árvores são densas e verdes durante o ano todo, com muitas folhas largas e troncos delgados". Nesse sentido, a revitalização e a conservação da trilha possibilitará futuras aulas de campo, envolvendo diversas áreas do conhecimento, como a Geografia, a História e a Biologia.

A Comunidade do Catu desenvolve ainda a dança do Toré, tradicional atividade cultural indígena que ocorre em período de lua cheia, mas que também sofre a falta de incentivo e de potencialização turístico-cultural. Assim sendo, além de ser uma ação socioafirmativa, o projeto incidiu sobre o fortalecimento e o fomento da cultura local, contribuindo com a roteirização e a organização das informações turísticas.

Dessa forma, promovemos e fomentamos a efetivação de atividades sustentáveis que possibilitaram o fortalecimento e a valorização das práticas culturais da Comunidade Indígena do Catu, através da divulgação das atividades locais no site da nossa Instituição, como

também nos eventos realizados no IFRN - *Campus* Canguaretama, a saber: o primeiro aniversário do Instituto e a II Copa da Diversidade[1], e também durante o II Encontro da Extensão, envolvendo todos os *Campi* do IFRN, realizado no IFRN – *Campus* Natal Central.

METODOLOGIA

O público-alvo do projeto foi constituído pelos membros da Comunidade do Catu e grande parte da comunidade acadêmica da nossa Instituição. Além dos docentes envolvidos, o projeto contou com a participação de 02 (duas) alunas bolsistas, financiadas pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) do IFRN.

As atividades do projeto foram desenvolvidas em encontros semanais, nas dependências do IFRN – *Campus* Canguaretama e na Comunidade Indígena do Catu. A cada encontro com o grupo de participantes foram realizadas atividades de estudo e rodas de conversa das temáticas relacionadas ao turismo cultural e ecológico, à educação ambiental e à valorização da cultura indígena, pelo fortalecimento da identidade e da herança cultural do Catu.

A construção dessas "Rodas de Conversa" foi orientada pelo método de Grupos Focais, com duração aproximada de duas horas. Segundo Oliveira e Werba (1998), os grupos focais podem ser descritos como entrevistas que se fundamentam na interação desenvolvida dentro do grupo, utilizando essa interação grupal para produzir dados que dificilmente seriam conseguidos fora do grupo. O grupo focal, dessa maneira, pode ser entendido como um procedimento de coleta de dados, no qual tivemos a possibilidade de ouvir os membros da Comunidade do Catu, alunos e servidores da nossa Instituição, ao mesmo tempo. Portanto, adquirimos informações, percepções e experiências (Kind, 2004), acerca dos desafios e expectativas advindos da execução do projeto.

Esses diálogos foram gravados e as informações obtidas nas rodas de conversa foram transcritas, compreendidas e interpretadas, recorrendo a uma análise de conteúdo simplificada, através da qual identificamos pontos em comum e divergentes entre as falas dos participantes, englobando e expressando o conteúdo e as mensagens contidas nos discursos do

[1] Encontro anual realizado com todas as Comunidades indígenas do Rio Grande do Norte, no qual acontecem mesas redondas, palestras e debates em torno das questões indígenas, bem como um torneio de futebol de campo e de salão. Em 2014, o evento aconteceu no IFRN *Campus* Canguaretama.

grupo. Para isso, identificamos expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo da fala foi organizado e interpretado (Minayo, 2010).

Como instrumento para coleta de dados, também utilizamos um questionário com 05 (cinco) perguntas abertas, através das quais procuramos saber sobre a relação dos moradores da Comunidade com a trilha. Foi questionado se já haviam realizado alguma visita anterior à revitalização e/ou posterior à ação, e da importância do projeto para a Comunidade do Catu.

Foram desenvolvidos também trabalhos de orientação relativos à manutenção e conservação da trilha, vivências práticas *in loco*, dinâmicas de grupo e palestras em escolas na Comunidade do Catu, Escola Municipal Alfredo Lima e Escola Indígena João Lino da Silva. Nas duas escolas tivemos a participação dos alunos, professores e pais.

A respeito das palestras, essa ação constituiu-se em um momento rico para o incentivo à educação ambiental, cujo tema foi "Educação Ambiental: e eu com isso? ", ministrada pela professora de Geografia do IFRN - *Campus* Canguaretama. Foi uma oportunidade de diálogo importante, na qual foi discutido sobre os cuidados com o rio e com a trilha, de modo a sensibilizar cada membro daquela Comunidade de que ele é um elemento fundamental para conservação de toda essa riqueza natural.

O desenvolvimento das ações do projeto foi acompanhado pela Coordenação do Projeto, através de uma ficha de avaliação, previamente elaborada, com critérios definidos de acordo com as metas do projeto, traçando-se novas ações para os encontros seguintes. Para a participação no projeto não foi realizado nenhum processo seletivo, tendo em vista que o nosso objetivo era atingir o maior número possível de pessoas, tanto da Comunidade Indígena do Catu quanto do IFRN – *Campus* Canguaretama.

Além disso, com a participação das bolsistas, financiadas pela PROEX, foram feitas divulgações sobre as atividades desenvolvidas e foram apresentadas as belezas naturais através da mídia social – a exemplo da página criada no Facebook®, com o intuito de chamar a atenção da população para esse importante atrativo turístico pouco conhecido. Também fomentamos atividades de orientações e de informações turísticas, visto que o projeto foi desenvolvido com o apoio e a participação dos docentes vinculados à área de hospitalidade e

lazer, eixo prioritário das ações do nosso *Campus.*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados durante e após a realização do projeto, no que tange aos métodos e técnicas utilizadas, bem como às discussões e reflexões construídas durante a troca de experiências entre os participantes, permitiram constatar as demandas necessárias para a realização das ações do projeto, através do contato com os líderes da Comunidade do Catu. Tais demandas foram elencadas da seguinte forma: a limpeza da trilha; a organização de um calendário de visitas para a divulgação nas escolas, bem como constatamos a necessidade de respeitar a opinião dos líderes da Comunidade, no que diz respeito à preservação e divulgação da cultura indígena (oca, artesanato, dança, entre outros), de acordo com o registro fotográfico apresentado abaixo:

Fotografia 1- Primeira roda de conversa com os membros da Comunidade do Catu.
Fonte: Acervo pessoal de Francisco do Nascimento Lima, 2014.

Um dado que merece ser enfatizado corresponde à constatação feita por Moritz (2010), a qual destacou que a Comunidade do Catu tem uma relação de pertencimento quanto à identidade indígena, porém, como manifestação cultural, somente reconhece a dança do Toré. Essa dança muito característica da tradição indígena compreende um momento cultural

realizado nas noites de lua cheia. A Comunidade do Catu desenvolve essa atividade desde cedo com as crianças. Em uma das muitas apresentações realizadas na Escola Indígena João Lino da Silva que pudemos presenciar, fizemos o registro em fotografia apresentado abaixo:

Fotografia 2 – Dança do Toré na Comunidade do Catu.
Fonte: Acervo pessoal de Francisco do Nascimento Lima, 2014.

Poucos são aqueles que compreendem o verdadeiro significado do turismo no espaço rural, elemento esse de grande importância para o desenvolvimento da Comunidade, mas sabem elencar os atrativos do local como as trilhas na mata, as plantações, a casa de farinha e a dança. Segundo Moritz (2010), a Comunidade do Catu é um local com consideráveis problemas sociais, mas repleto de satisfação por parte de quem mora naquele local, haja vista toda a potencialidade cultural e natural de que dispõem, conforme mostrado na fotografia abaixo:

Fotografia 3- Lagoa da Água Fria.
Fonte: Acervo pessoal de Francisco do Nascimento Lima, 2014.

Percebemos com a realização desse projeto que existe um bom potencial desta comunidade para o turismo, considerando os atrativos culturais e naturais presentes, bem como as atividades inerentes ao meio rural, ratificando as afirmações apresentadas por Moritz (2010). Para essa autora:

> A comunidade Catu é considerada remanescente da cultura indígena dos Eleotérios no Rio Grande do Norte. Apesar da sua história, muito se perdeu ao longo dos anos, com a chegada de novos habitantes e pelas circunstâncias de sobrevivência as quais a comunidade foi submetida. "Espremida" às margens do rio Catu por plantações de cana-de-açúcar, os catuzeiros (como se denominam) provêm seu sustento da agricultura familiar, configurando-se uma população carente no tocante a renda familiar, saúde, educação, porém rica em alegria e satisfação por ali residirem, conforme observado na pesquisa empírica. A fim de valorizar e não esmaecer sua cultura indígena, a língua tupi-guarani é ensinada nas escolas e os descendentes diretos dos Eleotérios transmitem seus conhecimentos para os mais novos. Algumas tradições se fazem presentes como a confecção de artesanatos indígenas, a prática do Toré, as comidas típicas e a relação com o meio ambiente (MORITZ, 2010, p.17).

Essas informações tornaram-se relevantes, verificadas após a aplicação dos questionários, pois constatamos que, das pessoas pesquisadas, 09 (nove) disseram ter relação e conhecimento da trilha e que pretendiam continuar visitando. Outras 11 (onze) informaram

nunca ter visitado e demonstraram interesse em conhecer a trilha. Dos questionados, 03 (três) pessoas nunca visitaram e nunca se interessaram. Com isso, percebemos que a trilha pode atrair curiosos e estudiosos ao local, dando visibilidade e renda para a Comunidade do Catu e despertando o interesse pela valorização e reconhecimento da sua importância.

A atividade para finalização do Projeto (de acordo com a fotografia seguinte - fotografia 4), contou com a participação de professores numa caminhada realizada na trilha, durante a Semana Pedagógica do *Campus*, em 2015, e também com a participação do cacique da Comunidade, culminando com uma palestra deste sobre a importância da mata e da trilha para a Comunidade e seus antepassados, que já a utilizavam nas atividades de caça, pesca e colheita de frutos.

Fotografia 4- Ponte construída na trilha com recursos do Projeto.
Fonte: Acervo pessoal de Francisco do Nascimento Lima, 2014.

Nesse sentido, é necessário destacar a importância dessa trilha para a Comunidade, especialmente pelo contexto histórico em que se desenvolveu, que os ancestrais desses moradores já utilizavam esses caminhos para apanhar frutas, caçar, pescar e também servia de atalho para chegar até o cemitério em Goianinha. Esse aspecto também foi enfatizado por Silva (2007, p. 115), quando afirmou: "(...) como se pode apreender no diálogo estabelecido com seu Chão (líder local do Catu). Relatou que sempre viveu 'das matas', caçando e

pescando além de coletar mangaba e outros gêneros". Esse breve recorte demonstrou a importância dessas ações para a trilha da Comunidade.

CONCLUSÕES

Após o término das ações desenvolvidas durante a execução deste projeto, pudemos perceber os benefícios trazidos à Comunidade Indígena do Catu, a partir dos resultados alcançados:

1- Realizamos visitas e conversas na Comunidade do Catu com as lideranças indígenas para conhecer a realidade local e identificamos os problemas existentes na Comunidade, quanto à educação ambiental, à exploração do potencial cultural indígena e a luta pelo reconhecimento enquanto povos indígenas do Rio Grande do Norte. É evidente que após o término desse projeto esses problemas não foram solucionados, no entanto, conseguimos dar mais visibilidade aos atrativos da Comunidade e fortalecemos a parceria do IFRN *Campus* Canguaretama com uma escola da Comunidade, no sentido de apoiar e realizar ações de fomento e fortalecimento da identidade e da cultura local;

2- A cada encontro com o grupo de participantes no projeto, bem como membros da Comunidade do Catu, foram realizadas atividades de estudo e rodas de discussão das temáticas relacionadas ao turismo cultural, à educação ambiental e à valorização da cultura indígena, oportunizando espaços para troca de experiências e de saberes;

3- Efetivamos um levantamento de dados para o mapeamento da trilha com as lideranças mais experientes da Comunidade, bem como, realizamos a limpeza da trilha, confeccionamos placas com indicações do percurso nas trilhas e construímos pontes de madeira, que facilitará o acesso dos moradores e de visitantes à mesma, tendo em vista a sinalização realizada em todo o percurso da trilha;

4- Elaboramos uma Ficha Técnica com informações geográficas e a caracterização da trilha.

Como resultado a curto e a longo prazo, concluímos que a temática central do projeto precisa ser aprofundada, buscando oferecer novos subsídios que sejam capazes de inovar outras práticas pedagógicas dessa natureza, como também, pesquisas de caráter científico.

Também temos a convicção de ter formado agentes multiplicadores que podem disseminar em outros ambientes e demais instituições sociais as discussões realizadas e os resultados alcançados com esse projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE – IDEMA. Perfil do seu Município – Canguaretama. Natal, RN: IDEMA, 2008.

KIND, L. (2004). **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 10(15), 124-136. http://www.pucminas.br/imagedb/documento/ DOC_DSC_ NOME_ARQUI20041213115340. pdf. Acesso em 10 de maio de 2014.

MINAYO, M. C. de S. (2010). **O Desafio do Conhecimento** – Pesquisa Qualitativa em Saúde (12a. ed.). São Paulo: Ed. Hucitec.

MORITZ, Tatiana. **Turismo no espaço rural e comunidades tradicionais: uma análise das percepções da Comunidade do Catu/RN.** Natal: UFRN, 2010.76 p. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

OLIVEIRA, F. O., & WERBA, G. C. (1998). **Representações Sociais**. In M. G. C. Jacques, M. N Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, & T. M. G. Fonseca (Orgs.). Psicologia Social Contemporânea. Petrópolis: Vozes.

SILVA, Claudia Maria Moreira da. **Em busca da realidade, a experiência da etnicidade dos eleotério (Catu/RN).** Natal: UFRN, 2007.281 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.